

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

WALLACE KASSIO DE LIMA RAMOS

**PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ESTADO DA ARTE SOBRE ESTUDOS REALIZADOS NO PERÍODO DE
2005 A 2017.**

**CURITIBA
2018**

WALLACE KASSIO DE LIMA RAMOS

**PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ESTADO DA ARTE SOBRE ESTUDOS REALIZADOS NO PERÍODO DE
2005 A 2017.**

Monografia apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Licenciado em
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Marynelma Camargo
Garanhanhi.

CURITIBA
2018

Dedico este estudo às mulheres que cada vez mais vêm provando que não combinam com o rótulo sexo frágil. Digo isso com veemência porque sempre estive rodeado por elas, tanto em minha família quanto em meus trabalhos e estudos. Com elas tenho aprendido sempre e com isso tenho percebido o quanto são fortes. Falo isso, simbolizado nas mulheres de minha vida: minha mãe Rosa e minha irmã Lidyane. Mulheres que me dão força e que me ensinaram a respeitar o próximo, especialmente as mulheres.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho Nele?

Às mulheres de minha vida, minha querida mãe Rosa e minha mana Lidyane por todo o apoio, palavras e carinho.

À orientadora professora Dra. Marynelma Camargo Garanhani, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste estudo.

À professora Cristina Carta, que em um certo dia falou o que eu precisava ouvir para tomar coragem e iniciar o curso de Licenciatura em Educação Física.

À professora Vera Moro, que sempre com sua alegria me animou em muitos momentos e incentivou-me a alçar voos novos.

Aos amigos, que prefiro não listar nomes para não correr o risco de esquecer-me de alguém.

*“Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda
Eu que faço parte da rotina de
(algumas) uma delas
Sei que a força está com elas...”*

(Erasmu Carlos, 1981)

RESUMO

A presente pesquisa consistiu no levantamento de estudos sobre a docência masculina na Educação Infantil, no período compreendido do ano de 2005 a 2017. Vale destacar que estes estudos foram localizados na Plataforma CAPES, com a realização de busca por dissertações e teses efetivados no Brasil. Os descritores utilizados para a referida busca foram: Educação Infantil; docência masculina; crianças pequenas; Educação Física. Foram realizados alguns cruzamentos entre esses descritores, para um refinamento na busca dos estudos. Dentro dos estudos encontrados, 18 correspondiam ao que era procurado, sendo: 15 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado. Todos abordando o trabalho docente de professores homens na Educação Infantil. No que se refere à docência masculina do professor de Educação Física na Educação Infantil, não foi encontrado nenhum estudo. A análise de quatro pesquisas das 18 encontradas, revelam que é unânime o sentimento de desconforto dos professores homens da Educação Infantil no que se refere ao trabalho neste espaço, visto socialmente como feminino. Com a baixa quantidade de pesquisas referentes a esta temática, considera-se necessário que mais estudos sejam feitos na tentativa de disseminar a ideia de que educar crianças pode ser realizado tanto por homens quanto mulheres e assim caminhar contra a ideia de que a docência de crianças pequenas seja uma tarefa apenas para mulheres.

Palavras chave: Docência masculina; Educação Infantil; Professor Homem; Educação Física.

ABSTRACT

The present research consisted in the survey of studies on male teaching in Early Childhood Education, from 2005 to 2017. It should be noted that these studies were located in the CAPES Platform, by dissertations and theses carried out in Brazil. The descriptors used for this search were: Infant Education; male teaching; small children; PE. Some crosses between these descriptors were made, for a refinement in the search of the studies. Within the studies found, 18 corresponded to what was sought, being 15 master's dissertations and 3 doctoral theses, all addressing the teaching work of male teachers in Early Childhood Education. Regarding the male teaching of the Physical Education teacher in Early Childhood Education, no study was found. The analysis of four studies of the 18 found, reveals that it is unanimous the feeling of discomfort of the male teachers of Early Childhood Education regarding work in this space, seen socially as feminine. With the low amount of research related to this subject, it is considered necessary that more studies be done in an attempt to disseminate the idea that educating can be carried out by both men and women and thus walking against the idea that teaching young children be a task for women only.

Keywords: Male teaching; Children Early Education; Teacher Man; Physical Education.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO.....	9
1.1 DESCRIÇÃO DO PROBLEMA E SUA JUSTIFICATIVA.....	11
1.2 DELIMITAÇÃO E OBJETIVOS DO ESTUDO.....	13
2 REVISÃO DE ESTUDOS.....	16
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	23
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo aborda uma temática que nos dias de hoje já não deveria ser vista como novidade e tampouco com *estranheza*: atuação do professor de Educação Física do sexo masculino na Educação Infantil.

Utilizo a expressão *estranheza* porque a referida etapa da Educação Básica ainda é considerada como campo de trabalho feminino. Desta forma, infelizmente, o professor do sexo masculino ao adentrar neste território enfrentará algumas barreiras, dentre elas a do preconceito.

O interesse pela elaboração desta pesquisa, visando identificar quais estudos já realizados acerca da atuação do professor do sexo masculino na Educação infantil, surgiu porque sou pedagogo e já fui professor de uma turma do Pré em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Curitiba por um ano, em 2011. Durante o referido ano, fui designado a trabalhar com Linguagem Movimento¹. Seria pelo fato de eu ser do sexo masculino? Segundo a diretora que me deu esta função, o horário da tarde, o qual trabalhava, era o melhor para desenvolver atividades da Linguagem Movimento com as crianças.

Em 2013, já como pedagogo, tive de assumir vaga em escola que atendia também turmas de Educação Infantil e confesso que fiquei um pouco incomodado com o fato das turmas de Pré terem aulas com professora com formação em Educação Física, enquanto que os Prés dos CMEIs não. Naqueles espaços, Linguagem Movimento era planejado e efetivado pelas professoras que não tinham, necessariamente, formação em Educação Física. Mas o que definitivamente muito me chamou atenção, foi que desde que ingressei na Rede Municipal de Educação de Curitiba, não trabalhei em nenhuma escola que tivesse professor do sexo masculino de Educação Física na Educação Infantil.

Sendo assim, ao ingressar no curso de Licenciatura em Educação Física na UFPR, no ano de 2015, percebi que a Educação Infantil não fazia parte do desejo de trabalho de muitos acadêmicos, em especial dos homens, tanto que

¹ De acordo com Curitiba (2009) é linguagem não verbal que permite à criança agir no meio em que está inserida, através da expressão de suas intenções e da construção de relações de comunicação e, segundo Garanhani (2002 apud CURITIBA, 2009, p.10), constitui a matriz básica da aprendizagem da criança.

quando alguns ficavam sabendo onde eu trabalhava, que na época era em CMEI, faziam piadinhas.

Foi então que me dei conta de que por todas as escolas por onde havia passado, eram professoras quem davam aulas de Educação Física para a Educação Infantil. Seria coincidência? Com os professores do sexo masculino, que tive contato nessas escolas, para alguns cheguei a perguntar de forma curiosa apenas, sobre as turmas de Pré e estes simplesmente falaram que preferiam lecionar as turmas *dos maiores*.

Foram cinco as escolas municipais onde atuei, localizadas nos bairros Tatuquara e CIC e todas atendiam turmas de Educação infantil. Desta forma, quando informo que as turmas dos Prés que tinham aulas de Educação Física com professora, refiro-me a essas cinco e não desconsidero que possam existir outras escolas municipais de Curitiba com professores de Educação Física do sexo masculino atuando em turmas de Educação Infantil.

Além dessa constatação, já havia percebido que durante o curso de Licenciatura em Educação Física na UFPR, temos na grade curricular apenas uma disciplina voltada para a Educação Infantil, que é *Educação Física em Contextos Educativos I*. Foi certamente quando mais ouvi a turma, a qual fazia parte, falar de Educação Infantil. Foi quando pensei na possibilidade de encantamento pelos acadêmicos do sexo masculino da turma, por esta etapa de ensino.

A disciplina passou e o assunto da vez (Educação Infantil) também. Será que por cursarmos uma Licenciatura que abrange a possibilidade de trabalho em todas as etapas de ensino, não deveríamos ter mais disciplinas com foco na Educação Infantil? Penso que se a disciplina em questão fosse pelo menos anual, despertaria mais apaixonados por esta etapa da Educação Básica, uma vez que todas as outras etapas são mais destacadas, e isso desde as disciplinas de esportes até prática de ensino.

Sendo assim, por não ter encontrado nas escolas onde trabalhei, professores de Educação Física do sexo masculino atuando na Educação Infantil e também por perceber que de minha turma de Licenciatura em Educação Física não havia nenhum acadêmico com intenções de atuar com crianças pequenas, decidir estudar sobre o trabalho de professores de Educação Física do sexo masculino com crianças pequenas.

Desta forma, neste estudo proponho uma análise à produção do conhecimento nacional acerca da atuação docente de professores de Educação Física do sexo masculino na Educação Infantil. Trata-se, portanto, de um Estado da Arte², que pretende listar, analisar e discutir as produções acadêmicas nacionais acerca da atuação de professores do gênero masculino na Educação Infantil.

Faz-se pertinente, então, identificar quais são os estudos já realizados acerca desta atuação do professor do sexo masculino no contexto da Educação Infantil e diante disso, efetivar análise dessa relação docente nesta etapa de ensino.

1.1 DESCRIÇÃO DO PROBLEMA E SUA JUSTIFICATIVA

É possível dizer que nos dias de hoje, as questões de gênero na sociedade contemporânea são muito questionadas. Essa temática perpassa pela profissão professor, especialmente quando esse profissional exerce a docência na Educação Infantil. Parece haver um preconceito de gênero em tais relações, pois ainda existe no senso comum a ideia de que as crianças não devem ficar sob o cuidado de profissionais do sexo masculino.

Quando falamos em docência na Educação Infantil, o gênero feminino é a primeira coisa que vem a nossa cabeça. Uma vez que essa profissão vem se perpetuando desde toda a história como predominantemente feminina.

A Educação Infantil é e sempre foi um campo de atuação predominantemente feminina, fruto da crença na indiscutível aptidão e nas habilidades das mulheres para lidar com crianças pequenas. Dessa forma, o professor homem³ ao adentrar neste território tido como feminino, torna-se um estranho, o que indubitavelmente gera dúvidas relativas às suas competências no cuidado e atenção necessários à educação de crianças. Desperta também curiosidades e muitas vezes preconceitos referentes à sua orientação sexual.

² “[...] pesquisas conhecidas pela dominação *estado da arte* ou *estado do conhecimento* [...] são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” (Ferreira, 2002, p. 258).

³ Neste estudo, será utilizado o termo professor do sexo masculino e também o termo *professor homem* sempre quando me referir ao docente do sexo masculino

Sobre esse aspecto, Sayão (2005) evidencia que:

[...] a insuficiência de pesquisas que considerem o gênero como categoria de análise, talvez justifique a existência de algumas ideias naturalizadas pela Educação de modo geral. Dentre elas, ambiguidades entre o magistério entendido como profissão feminina e as práticas de “maternagem e/ou de cuidado/educação” na creche [...]. (SAYÃO, 2005, p.44)

De acordo com a autora, o entendimento do magistério e, especialmente, a educação de crianças pequenas, como uma profissão feminina pode estar associada à falta de pesquisas que considerem o gênero como categoria de análise.

Cabe destacar que o interesse em pesquisar sobre a temática surgiu porque além do envolvimento com a Educação Infantil, dentro do curso de Licenciatura em Educação Física na UFPR, dentro de uma turma de prováveis formandos e especificamente no grupo de acadêmicos do sexo masculino, não se ouvia falar sobre lecionar na Educação Infantil. Quando não falam na *permanência*⁴, referem-se ao Ensino Médio, como possível campo de atuação. Outra opção de trabalho que se ouve dentro do mesmo grupo é com crianças sim, porém em escolinhas de futebol.

Partindo dessas considerações, percebe-se que a atuação dentro da Educação Infantil não está dentro dos planos daqueles futuros professores do sexo masculino, pelo menos da turma em questão. Além disso, é pertinente destacar acerca dos estudos sobre o professor do sexo masculino atuando na Educação Infantil, visto que de acordo com Sayão (2005), em seus estudos acerca das produções teóricas nacionais e internacionais, no que se refere à Educação Infantil, é possível inferir que em nosso país há uma insuficiência de pesquisas que consideram o gênero como categoria de análise. E Carvalho (1998) afirma que os estudos de gênero ainda são escassos dentro do campo educacional e considera que os estudos sobre homens e masculinidades podem se tornar uma área emergente.

Desta forma, destaca-se a pertinência de pesquisar mais sobre a questão

⁴ Termo utilizado para a continuidade na UFPR, neste caso, de estudantes que concluirão a Licenciatura em Educação Física e permanecerão estudando para obterem também o título de Bacharel em Educação Física.

do professor do gênero masculino na Educação, principalmente, na Educação Infantil. Carvalho (1998) previu que os estudos desta temática se tornariam emergentes. Agora em 2018 será que já o são? Então, na esteira dessas ideias, faz-se necessário responder à questão principal deste estudo: **Quais são os estudos já realizados acerca da atuação do professor de Educação Física do sexo masculino no contexto da Educação Infantil?**

1.2 DELIMITAÇÃO E OBJETIVOS DO ESTUDO

A presente pesquisa consiste em um Estado da Arte, com busca realizada no banco de teses e dissertações da CAPES sobre estudos a respeito da docência de professores do sexo masculino na Educação Infantil, que historicamente está ligada às mulheres, porém “não é só porque há mulheres, que a profissão é feminina” (FINCO, 2003, p. 56).

É sabido que o professor do sexo masculino que atua junto à criança pequena gera questionamentos no corpo docente escolar, que por muitas vezes olha para este profissional sob a ótica preconceituosa, provocando desconforto, constrangimento e fazendo-o sentir-se como não pertencente aquele grupo, gerando questionamentos acerca de si mesmo e da sua escolha.

No que diz respeito à presença do professor homem na educação de crianças pequenas, são muitas as desconfianças por trás da *aceitação* deste professor neste espaço, mas também existem atitudes comuns ao comportamento masculino que corroboram sua presença neste ambiente, uma delas é a autoridade. Conforme aponta Pereira (2016):

Quando o homem passa a atuar em uma profissão que possui como características o cuidado, a sensibilidade, o afetivo, surgem diversos questionamentos sobre sua sexualidade. Por outro lado, também podemos perceber as imagens tipicamente ligadas ao masculino, à autoridade, disciplinamento, à obtenção de ordem e respeito dentro das normas da escola e da própria vida social, uma relação de poder e controle, emergem como mecanismo para explicar a presença do homem na educação de crianças pequenas (PEREIRA, 2016, p.13).

A autora, além de nos falar sobre os questionamentos que surgem a partir da entrada do professor homem na educação de crianças pequenas, nos revela

uma característica muito comum aos homens e que é sempre muito bem-vinda neste espaço: a autoridade.

Além do próprio corpo docente o qual o professor do gênero masculino está inserido, há também outro grupo que ainda resiste à presença da figura masculina na educação de crianças pequenas, como ratifica Xavier Filha (2012)

A presença de professores e professoras para atuar com crianças pequenas é salutar para meninos e meninas. No entanto, ainda se vê uma forte resistência de familiares em aceitar homens atuando profissionalmente como docentes de crianças pequenas (XAVIER FILHA, 2012, p. 31).

Ainda como nos afirma a autora, “[...] novas formas de constituição de ser masculino e de ser feminino devem ser proporcionadas e permitidas nas instituições educativas” (XAVIER FILHA, 2012, p. 31).

Sayão (2005) defende um maior envolvimento dos professores do sexo masculino na Educação Infantil e afirma que:

Quando maior o envolvimento de homens na Educação infantil, aumentará a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem que esta etapa da Educação Básica é um trabalho apenas para mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe melhorando, significativamente os salários e o status da carreira (SAYÃO, 2005, p. 16).

Em consonância com o que as autoras trazem à tona, faz-se pertinente expandir a discussão sobre a docência masculina nas instituições de Educação Infantil, bem como contribuir para a construção de reflexões acerca da igualdade de gênero, temática bastante atual. Dessa forma, também estaremos colaborando para a desmistificação do pensamento histórico e cultural imposto pela sociedade no que tange a funções pré-determinadas para homens e mulheres e, principalmente, contribuiremos para a efetivação de uma prática educacional independentemente do gênero.

Ainda nessa direção, ressalta-se que não muito distante de nós, estão pessoas que têm convicção de que a atuação na educação de crianças pequenas é para mulheres, faz-se pertinente refletir sobre esta realidade, visto que dentro de um curso de formação de professores é possível perceber a falta de subsídios para o trabalho com as questões de gênero, corpo e sexualidade.

Isso se reflete até mesmo em pesquisas educacionais, conforme afirma Carvalho (1998):

Na produção dos estudos educacionais, parecem não se considerar o sexo dos participantes do cotidiano escolar e os significados de gênero que constituem tal cotidiano. O que corresponde a dizer que o conjunto de símbolos e significações masculinos e femininos que perpassam a realidade escolar não é percebido e apreendido pelas pesquisas educacionais. (CARVALHO, 1998, p. 396)

Desse modo, de acordo com a autora, ainda que no ano de 1998, já era possível perceber a insuficiência de pesquisas em relação ao gênero do docente. Sayão, em 2005, corrobora com este achado, quando nos informa que ainda não há pesquisas suficiente relacionadas à temática em questão.

Sendo assim, o **objetivo geral** desta monografia é:

- Identificar quais são os estudos já realizados acerca da atuação do professor de Educação Física do sexo masculino no contexto da Educação Infantil no período compreendido de 2005 a 2017.

E para chegar-se ao referido objetivos, faz-se necessário atingir os **objetivos específicos**, que são:

- Identificar se há estudos sobre o professor do gênero masculino de Educação Física na educação de crianças pequenas, e
- Analisar as produções acadêmicas nacionais acerca da atuação de professores do gênero masculino na Educação Infantil.

2 REVISÃO DE ESTUDOS

Este capítulo visa elencar referenciais teóricos sobre a atuação do professor do sexo masculino na Educação Infantil, com o intuito de contribuir nas reflexões acerca do tema professores de Educação Física do sexo masculino na Educação Infantil, visto que ainda é possível presenciarmos discussões referentes à estranheza quando o assunto é professor homem na educação de crianças pequenas.

É pertinente ressaltar que ao analisar os documentos que regem a Educação Infantil, tais como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n.º 9394/96 (BRASIL, 1996), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN) (BRASIL, 1998), a Resolução CNE/CEB 5/2009 (BRASIL, 2009), entre outros, constatou-se que nenhum refere preferência de que o profissional da Educação Infantil seja do sexo feminino ou masculino. Porém, ainda não raro, ao adentrar nas instituições de crianças pequenas, é possível perceber que a maioria de docentes é mulheres.

Contudo, ressalta-se que não é objetivo deste estudo discutir sobre a temática *gênero*, muito embora o referido termo apareça na literatura, visto que o referido estudo aborda sobre a atuação masculina na educação de crianças pequenas e por isso não se pode ignorá-lo totalmente.

Dessa forma, entende-se que conceituar gênero certamente não é uma das tarefas mais fáceis. Isso porque nossas vivências nos levam a associar tal termo com o significado *tipo*, advindo de gênero textual, musical ou literário, que são os maiores contatos que tivemos com a palavra.

Se recorrermos ao dicionário Aurélio (2017), versão eletrônica, já encontraremos um conceito de *gênero* diferente do que tínhamos nos dicionários impressos e não tão atuais. Além das definições, outrora já conhecidas, que se referem à Gramática e Biologia, hoje encontramos o seguinte: “Conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos”, o que já se aproxima ao sentido específico e particular proposto pelos estudiosos do assunto.

Conforme afirmam Böhm e Campos (2013),

Refletir a respeito de gênero é desmistificar a ideia de naturalização dos comportamentos tidos como femininos ou masculinos. É pensar

que desde o momento do nascimento nos constituímos homens e/ou mulheres, através dos diversos aprendizados sociais, começando na família (BÖHM e CAMPOS, 2013, p.59).

As autoras ainda se utilizam das palavras de Meyer (2008) que conceitua gênero como a “[...] construção e organização social das diferenças entre os sexos, que se realiza em múltiplas instâncias, em diferentes práticas e instituições sociais e através de muitas linguagens” Meyer (2008, p.24 apud BÖHM e CAMPOS, 2013, p.59).

Para Nicholson (2000) apud Sayão (2005), o vocábulo *gênero* descreve aquilo que é socialmente construído e é usado em contraposição ao sexo, que está imbricado ao biológico. Dessa forma, *gênero* diferencia-se de corpo. Sendo assim, o sexo de um indivíduo é uma entidade à parte e com existência em si mesmo.

“O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção e distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas percebidas entre homens e mulheres” (MEYER, 2010, p.16). Assim é possível compreender quando, por exemplo, a escola, dita um modelo a ser seguido e estabelece normas que diferenciam o modo de ser e de se comportar entre homens e mulheres.

A compreensão do termo gênero facilita um melhor entendimento de discussões acerca do trabalho docente dentro de um espaço considerado predominantemente feminino.

Em se tratando de estudos acerca do professor homem na educação de crianças pequenas, faz-se pertinente ressaltar que no Brasil, a pesquisa desenvolvida por Saporoli (1997) foi um dos primeiros estudos realizados referente a esta temática. Em sua produção, a pesquisadora analisou o perfil sócio-demográfico de educadores e educadoras infantis que atuavam em creches paulistanas, realizando um mapeamento dos professores homens que trabalhavam naquele município, o que revelou a quantidade inexpressiva destes profissionais na Educação Infantil.

Ao abordar acerca das características relacionadas à profissão docente, Louro (1997b) no revela que a escola brasileira foi inicialmente conduzida por mestres homens, por religiosos. Esses professores eram considerados, de acordo com a referida autora, como

Modelos de virtudes, disciplinados disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver a docência como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Afeição e autoridade, bom senso, firmeza e bondade, piedade e saber profissional são algumas das qualidades que lhes são exigidas. (LOURO, 1997b, p. 92-93)

A autora ainda nos informa que essa representação do magistério perdurou no Brasil, onde

é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes". (LOURO, 1997b, p. 95)

Nessa direção, é oportuno inferir que alguns estudos indicam que a docência de crianças pequenas é uma profissão majoritariamente feminina (Mir, 2005), o que certamente não descaracteriza e nem minimiza a profissão. A autora ainda dá destaque aos estudos feministas como marcas de lutas das mulheres nas conquistas dos direitos das crianças pequenas em creches e pré-escolas, ao abordar a especificidade da docência feminina.

Ainda na esteira da consideração da docência na Educação Infantil como atribuição feminina, Sayão (2003) afirma que a condição da mulher e da sua identidade docente vem sendo construída, o que supera a dicotomia e a "ideia de feminino como sinônimo de professora de crianças pequenas, faz sentido tomar o gênero através de seu caráter eminentemente relacional" (Sayão, 2003, p. 82).

A predominância das mulheres no magistério gerou muitas críticas e discussões, como demonstra Louro (1997) ao apresentar a trajetória das mulheres na educação:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros 'pouco desenvolvidos' pelo seu 'desuso' a educação de crianças. [...] Outras vozes surgiram para argumentar na direção oposta. Afirmavam que as mulheres tinham, 'por natureza', uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e naturais educadoras, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos (LOURO, 1997, p.450).

A partir da afirmação da referida autora, percebe-se que, enquanto uns consideravam que as mulheres não tinham inteligência suficiente para educar os pequenos, outros estavam convictos de que a mulher era ideal para a docência, relacionando o ensino realizado por esta com a maternidade, sendo elas, portanto, predestinadas à educação de crianças.

Vale frisar que apesar da predominância feminina, geralmente quem assumia o cargo de diretor nas escolas públicas eram os homens. E que para as mulheres, o magistério foi uma forma de ampliar suas relações sociais, até então apenas tidas na igreja e no lar.

É possível afirmar que em se tratando da docência na Educação Infantil, automaticamente somos remetidos ao papel da professora, uma vez que já estamos habituados a isso. No entanto falar do professor do sexo masculino na educação de crianças pequenas ainda causa estranheza, pois como nos relata Pereira (2016),

Ser homem e professor de crianças pequenas é assumir uma identidade que ainda hoje cria um desconforto nas pessoas à sua volta, carrega uma diferença, pois é incompatível com as expectativas da sociedade, mesmo com a ampliação de suas funções e vivências na atualidade [...] (PEREIRA, 2016, p.95).

A referida autora ainda fala acerca das representações delegadas aos professores e professoras que produzem *efeitos de verdades* e desta forma, aborda sobre os desconfortos causados quando essas *verdades* destoam. Como exemplos, ela se refere ao desconforto causado pelos professores do sexo masculino, que falam devagar e demonstram paciência com os/as pequeninos(as), que levam as meninas ao banheiro, os que brincam com as crianças e, principalmente, os que trabalham na Educação Infantil.

Ainda na esteira dos desconfortos que o professor homem de crianças pequenas pode trazer, Sayão (2005) nos fala a respeito de uma construção social que posiciona os homens como seres sexuados, ativos e perversos, o que os rotula como impróprios para cuidar dessas crianças. Por outro lado, as mulheres são consideradas puras, ideais para educar e assim,

O que 'capacita' as mulheres a tocarem nos corpos das crianças e gera a desconfiança quanto ao abuso dos homens é que as primeiras

controlariam sua sexualidade, enquanto os homens seriam incontroláveis (SAYÃO, 2005, p. 189).

A autora nos fala sobre um assunto bastante delicado e polêmico, que infelizmente ainda paira na sociedade e de acordo com Felipe (2006) tem causado certo pânico moral, fazendo com que, por exemplo, alguns professores mudem seus comportamentos diante de crianças pequenas, de modo a não serem confundidos com potenciais pedófilos. A referida autora informa ainda que, “para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seu colo” (FELIPE, 2006, p. 214).

Cabe salientar que a tarefa de educar crianças pequenas é complexa, portanto, com a existência de uma diversidade de relações que estão presentes entre as crianças pequenas e os/as adultos/as nos espaços da Educação Infantil, há que se conviver e aprender com um universo de saberes, possibilidades, vivências e as diferenças desde a tenra idade (SILVA, 2014).

Segundo Bourdieu (1999) a partir do momento em que um homem ocupa uma profissão rotulada como sendo feminina, é possível que venham à tona duas situações: o fato de que ele não pode rebaixar-se a realizar certas tarefas, socialmente, consideradas como inferiores; e que as mesmas profissões podem ser consideradas nobres e difíceis quando exercidas por homens, ou banais e fúteis quando exercidas por mulheres.

Sendo assim, a partir dessa teoria, o homem pode ser vítima de preconceito nessa profissão ou sua inserção nessa profissão pode proporcionar que a profissão passe a ter maior valorização. Porém, ainda em se tratando da inserção do homem na docência de crianças pequenas, observa-se que a quantidade desses professores ainda é inexpressiva. Segundo Saporoli (1996),

A presença masculina na docência da Educação Infantil tem se mostrado pouco representativa para que sejam possíveis mudanças nesse sentido e, as razões que mantêm o homem afastado dessa profissão ainda têm mitos e ideias arraigados sobre masculinidade, espaço profissional ocupado preferencialmente por mulheres, além dos baixos salários, condições inadequadas de emprego e baixo status da profissão.” (SAPAROLLI, 1996, p.39)

Nesse sentido, ainda em se referindo à presença do profissional do sexo

masculino na Educação Infantil, Silva (2014) nos revela que:

A docência masculina na Educação Infantil possibilita pensar diferentes formas de educação para a pequena infância sem discriminar ou propagar as desigualdades de gênero. Tal docência pode construir Pedagogias da infância não sexistas, não racistas, não adultocêntricas, onde os meninos pequenos e as meninas pequenas são autoras/es e protagonistas da construção de saberes, as culturas infantis (SILVA, 2014, p.37).

Desse modo, percebe-se que a presença da figura masculina nesta etapa da Educação Básica é pertinente para além da simples referência masculina que algumas crianças não têm em seus lares, conforme o autor afirmou, pode construir pedagogias da infância não sexistas.

Sendo assim, há a defesa de que a criança desde muito cedo é capaz de compreender a rotulação de diferentes papéis destinados a meninos e meninas, conforme afirma Finco (2010, p.52), “as experiências de gênero são vivenciadas desde as idades mais precoces, quando as crianças aprendem, desde bem pequenas, a diferenciar os atributos ditos masculinos e femininos”.

Entende-se então, a partir da literatura, que existe a real necessidade de se lutar por uma educação não segregadora, uma vez que ao se perceber num ambiente com presença predominantemente feminina, a criança também acreditará ser este um espaço feminino e se em casa ela vivenciar comentários e ideias de seus familiares de que a Educação Infantil é um trabalho feminino, tenderá a reproduzir esta *teoria*.

Alguns estudos têm trazido à tona a discussão acerca dos papéis destinados a homens e mulheres, como é o caso das pesquisadoras Jaeger e Jacques (2017) que destacam que o trabalho diário de homens e mulheres dá forma à docência com crianças pequenas, e não está determinada por uma estrutura de gênero que seria o crucial da profissão. As referidas autoras se utilizam das palavras de Sayão (2005), e apontam que este feito pode evidenciar diferentes masculinidades e feminilidades como processos relacionados ao contexto pedagógico, assim como aos profissionais que ali atuam, denotando um mundo social em que as identidades e subjetividades se entrecruzam, influenciando, portanto, nas interações que são realizadas nesses territórios.

Na esteira dessas ideias, fica claro que as relações de gênero constituem os espaços de Educação infantil e certamente a predominância das mulheres e

o escasso número de homens neste contexto indicam que é preciso não somente dar visibilidade a essas discrepâncias, mas acima de tudo problematizá-las, pois, ainda hoje, mesmo que diferenciadas, a visão de maternidade e sacerdotismo permanecem internalizadas na concepção da sociedade, levando a reflexão sobre a baixa representação masculina na docência, principalmente, na Educação infantil.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa realizada para a efetivação deste estudo se enquadra na metodologia *Estado da Arte*, a qual consiste na realização de uma pesquisa bibliográfica em busca de trabalhos que falem sobre determinado assunto. As pesquisas baseadas na referida metodologia, como coloca Ferreira (2002):

[...] parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p.257).

Sendo assim, alguns procedimentos se fazem pertinentes para a realização desse tipo de metodologia. Romanowski (2002) destaca quais são os procedimentos necessários, como: “definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas; localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos”.

O Estado da Arte é compreendido por Angelucci (2004) como um método que mapeia o que se produziu de determinada temática ou área, por exemplo, em diferentes períodos e localizações, busca a identificação de tendências e analisa as temáticas e metodologias bem como os relevantes resultados, tendo como material de apreciação estudos específicos, traduzidos em artigos, publicações em anais e, especialmente, em dissertações e teses acadêmicas.

Segundo Haddad (2000), os estudos do tipo Estado da Arte possibilitam ao pesquisador, em momento posterior de definição de uma temporalidade, sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados das investigações, além de identificar temáticas e abordagens dominantes, emergentes, e também lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura.

Ainda sobre este tipo de metodologia, Romanowski e Ens (2006), ressaltam que:

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p. 37).

As autoras também enfatizam que esses trabalhos não se restringem a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas. E podem, também, estabelecer relação com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes e apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo-se orientações de práticas pedagógicas para a definição dos parâmetros de formação de profissionais para atuarem na área.

Sendo assim, com a breve compreensão do conceito de Estado da Arte, e com a finalidade de mapear os estudos já realizados com sujeitos, professores de Educação Física do sexo masculino na Educação Infantil, foram feitas pesquisas no banco de teses e dissertações na plataforma CAPES⁵. Para isso, algumas palavras chave foram utilizadas: Educação Infantil; docência masculina; crianças pequenas e Educação Física.

Vale ressaltar que as palavras chave eram combinadas, ou seja, nunca pesquisadas na plataforma de forma solitária, visto que ao pesquisar, por exemplo, Educação Infantil, uma quantidade exorbitante de estudos era mostrado. Sendo assim, combinei as palavras, como: Educação Infantil + docência masculina; docência masculina + crianças pequenas; Educação Infantil + docência masculina + Educação Física. Ainda refinei a pesquisa, selecionando *Educação nas áreas do Conhecimento, Avaliação e Concentração* da plataforma CAPES

É pertinente enfatizar que a fonte de pesquisa utilizada neste estudo foi escolhida devido a sua grande relevância para a pesquisa acadêmica brasileira.

Cabe destacar que os documentos encontrados foram delimitados dentro de um recorte temporal compreendido do ano de 2005 (ano em que Sayão

⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) atua na expansão e consolidação da Pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado). <<http://www.capes.gov.br>>

aponta a incipiência de estudos voltados à esta temática) a 2017. No que se refere a pesquisas acerca da presença do professor homem da Educação Física na Educação Infantil, não foram encontrados nenhum estudo no banco da CAPES.

Já no que se refere à presença do professor homem com formação em magistério ou Pedagogia, na Educação Infantil, foram encontrados 18 estudos, sendo 15 dissertações e 3 teses, já contando com a de Sayão.

Dessa forma, as pesquisas encontradas na já citada plataforma, foram elencadas e organizadas em quadro, de acordo com a autoria, título, local, ano (ordem crescente) e tipo de estudo (tese ou dissertação).

Para a análise dos resumos dos estudos encontrados, foram selecionados quatro, sendo uma tese de 2015 e os três últimos estudos, por serem os mais recentes, sendo um do ano de 2016 e dois do ano de 2017. Ressalto que tomei o cuidado de eleger a mesma quantidade de estudos efetivados por pesquisadores e pesquisadoras (dois de cada sexo), o que possibilitou verificar se houve objetivo comum aos dois sexos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A busca pelas pesquisas já realizadas acerca do professor homem na educação de crianças pequenas, na plataforma CAPES, resultou em um total de 18 estudos encontrados, conforme mostra o Quadro 1.

QUADRO 1 - Estudos acerca do professor homem na educação de crianças pequenas, realizados no período de 2005 a 2017.

AUTORIA	TÍTULO	LOCAL DO ESTUDO	ANO E TIPO DE ESTUDO
SAYÃO, DEBORAH THOMÉ	Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche.	Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC.	2005, Tese.
ARAÚJO, JANAINA RODRIGUES	Relações de Gênero na Educação Infantil: um estudo sobre a reduzida presença de homens na docência.	Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG.	2006, Dissertação.
COSTA, CARLOS EDUARDO COELHO DA	Tem homem na escola!!! Um olhar sobre o corpo/identidade masculino na educação/saúde da infância.	Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro/RJ.	2007, Tese.
RAMOS, JOAQUIM	Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG.	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG.	2011, Dissertação.
SOUSA, JOSE EDILMAR DE	Por acaso existem homens professores de educação infantil? Dois estudos de caso em representações sociais.	Universidade Federal do Ceará. Fortaleza/CE.	2011, Dissertação.
ALVES, BENEDITA FRANCISCA	A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil: uma questão de gênero?	Universidade de Fortaleza. Fortaleza/ce.	2012, Dissertação
PEREIRA, MARIA ARLETE BASTOS	Professor homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade.	Universidade Federal de São Paulo. São Paulo/SP.	2012, Dissertação.
GOMIDES, WAGNER LUIZ TAVARES	Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da Educação Infantil.	Universidade Federal de Viçosa. Viçosa/mg.	2014, Dissertação.
MONTEIRO, MARIANA KUBILIUS	Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil.	Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP.	2014, Dissertação.
SANTOS, LILIAN BORGES DOS	Gênero e Educação Infantil: o trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil.	Universidade Federal de Pelotas. Capão do Leão/RS.	2014, Dissertação.
SILVA, PETERSON RIGATO DA	Não sou pai, nem tio, sou professor! A docência masculina na Educação Infantil.	Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP.	2014, Dissertação.
HENTGES, KARINE JACQUES	Homens na Educação Infantil: o que pensam as diretoras sobre isso?	Universidade Federal de Pelotas. Capão do Leão/RS.	2015, Dissertação.
LOPES, ELSA SANTANA DOS SANTOS	A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	Pontifícia universidade católica de São Paulo. Santo André/SP.	2015, Tese.
SILVA, BRUNO LEONARDO BEZERRA DA	A presença de homens docentes na Educação Infantil: lugares (des)ocupados.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN.	2015, Dissertação.
TEODORO, LUCIANO GONCALVES.	O trabalho docente na Educação Infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista.	Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto/SP.	2015, Dissertação.
MENDONÇA, MICHELLE MARIANO	Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de Educação Infantil: alguns elementos para compreensão.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP.	2016, Dissertação.
FERREIRA, WALDINEI DO NASCIMENTO	As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas unidades municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte.	Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG.	2017, Dissertação.
JUNIOR, JOSOE DURVAL AGUIAR.	Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP.	2017, Dissertação.

Fonte: O autor, a partir dos dados localizados na Plataforma CAPES (2018).

Conforme exposto no Quadro 1, é possível perceber que não há estudos sobre o professor de Educação Física do sexo masculino na Educação Infantil. Já no que se refere ao professor homem na educação de crianças pequenas, encontramos 15 dissertações de mestrado e 03 teses de doutorado.

A partir das pesquisas localizadas, pode-se observar que a temática em questão é objeto de interesse tanto de homens quanto de mulheres, visto que o número de pesquisadores é exatamente o mesmo: 9 homens e 9 mulheres.

Para fins de análise, escolhi quatro estudos, por serem os mais recentes, com o intuito de identificar o que tem sido tratado acerca da docência masculina na Educação Infantil no que se refere às pesquisas acadêmicas brasileiras, conforme mostra o Quadro 2.

QUADRO 2 – Seleção para análise dos resumos a partir dos estudos acerca do professor homem na educação de crianças pequenas, realizados no período de 2005 a 2017.

AUTORIA	TÍTULO	LOCAL DO ESTUDO	ANO E TIPO DE ESTUDO
LOPES, ELSA SANTANA DOS SANTOS	A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	Pontifícia universidade católica de São Paulo. Santo André/SP.	2015, Tese.
MENDONCA, MICHELLE MARIANO	Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de Educação Infantil: alguns elementos para compreensão.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP.	2016, Dissertação.
FERREIRA, WALDINEI DO NASCIMENTO	As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas unidades municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte.	Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG.	2017, Dissertação.
JUNIOR, JOSOE DURVAL AGUIAR.	Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP.	2017, Dissertação.

Fonte: O autor, a partir dos dados localizados na Plataforma CAPES (2018).

O primeiro estudo a ser abordado é a tese de doutorado de Elsa Santana dos Santos Lopes, intitulada **A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?** realizada em 2015 com sujeitos homens, educadores da Rede Municipal de Santo André / SP. Os objetivos eram conhecer quem eram os homens que atuavam como educadores na Educação Infantil, quais os motivos dessa escolha profissional e como trabalhavam nesta profissão considerada socialmente como feminina.

Lopes (2015) nos informa que o número de educadores homens atuantes em creches estava aumentando a cada ano e a partir dessa constatação, buscou saber o porquê dessa dedicação deles pela Educação Infantil.

A pesquisadora revela que a presença masculina na creche, na função de educadores de crianças pequenas, gera muitos estranhamentos e situações conflituosas, despertando ainda, dúvidas relacionadas à sexualidade desses profissionais.

A revelação de Lopes (2015) acerca das situações conflituosas que os sujeitos da pesquisa relataram conviver, nos permite pensar a respeito da maneira em que são vistos por aqueles que são adeptos da “crença do homem enquanto sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças” (SAYÃO, 2005, p. 16).

É possível afirmar, a partir do estudo de Lopes (2015), que a ação de cuidado, realizada pelo profissional homem, gerava desconforto não só nos familiares das crianças, mas também nas colegas de trabalho, em especial quando se tratava de cuidados com o corpo, principalmente o das meninas.

Infelizmente, o desconforto abordado pela pesquisadora é muito comum aos homens professores de crianças pequenas, podendo até ser considerado como um estigma a ser enfrentado na profissão, problema este que as professoras não vivenciam, visto que de acordo com Felipe (2006),

É preciso lembrar também que as estatísticas dificilmente fazem referência às mulheres, na medida em que estas, no exercício da maternidade ou na função de cuidadoras de crianças, parecem estar acima de qualquer suspeita, o que nem sempre é verdade (FELIPE, 2006, p. 214).

Sendo assim, a autora debate cerca daquilo que pode ser visto como empecilho ao trabalho do homem na educação de crianças pequenas, visto que nem todas as mulheres educadoras são inofensivas a essas crianças.

Dessa forma, Lopes (2015) elenca algumas estratégias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa dela, no que se refere aos enfrentamentos frente a essas situações desconfortáveis.

No ano de 2016, Michelle Mendonça apresentou a dissertação com o título **impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão**. Com este estudo, a pesquisadora buscou analisar como se dava a compatibilidade entre gênero e funções exercidas pelos gestores e professores de uma escola de Educação

Infantil do município de São Paulo. Neste sentido, a autora também pesquisou como o reconhecimento, a aceitação e a identificação dos papéis desses profissionais eram vistos pela comunidade/família e corpo docente.

É pertinente frisar que Mendonça (2016) realizou seu estudo entrevistando a equipe técnica da escola, o corpo docente e os responsáveis dos alunos acerca do exercício das funções dos gestores e professores homens da Educação Infantil.

Segundo a autora, foi possível constatar que a presença masculina no ambiente pesquisado, majoritariamente feminino, traz a possibilidade de se debater sobre a ruptura do discurso dos papéis sociais de gênero, e também conduzem a novas questões de pesquisas sobre a presença de homens no ambiente da Educação Infantil, sendo que essa presença e atuação podem trazer mudanças nesse espaço de socialização.

Sendo assim, é possível observar neste estudo tão recente o que Sayão já havia chamado atenção em 2005, a defesa do maior envolvimento dos professores do sexo masculino na Educação infantil, pois “ [...] o envolvimento de homens na Educação Infantil aumentará a opção de carreira para eles, [...] alterando a imagem de trabalho apenas para mulheres”(SAYÃO, 2005, p.16).

Mendonça (2006) também reforça que a presença masculina na Educação Infantil traz para esse universo. Referências da socialização vivida por esses profissionais, que certamente são diferentes das que as profissionais mulheres possuem.

Outro estudo sobre professores homens na Educação Infantil, é a dissertação de Waldinei do Nascimento Ferreira, do ano de 2017, intitulada **As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas unidades municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte**, que investigou as relações de cuidado nos relatos dos homens professores nos equipamentos públicos de Educação Infantil da Prefeitura de Belo Horizonte.

O pesquisador nos fala sobre os estranhamentos e resistências que os professores homens da Educação Infantil (e ele se inclui neste grupo, visto que também é professor nesta etapa da Educação Básica) estavam enfrentando desde 2003.

Assim como na pesquisa de Mendonça (2016), participaram nesta de Ferreira (2017) outros sujeitos. O referido pesquisador coletou relatos da direção das Unidades Municipais de Educação Infantil (UMElS) e via internet, realizou pesquisa para saber o ponto de vista dos internautas sobre a presença de homens professores nesta etapa da Educação Básica. A diferença para a pesquisa anterior é que Ferreira (2017) também entrevista os professores homens da Educação Infantil, ou seja, não se detêm apenas ao que pensam sobre estes.

Sendo assim, de acordo com Ferreira (2017), a pesquisa realizada por ele, possibilitou compreender a temática do cuidado realizada por estes profissionais na Educação Infantil sob o refinamento do olhar destes homens professores e da direção escolar. Verificou-se que as relações do cuidado necessitam ser repensadas sob o prisma das relações de gênero, pois “a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (LOURO, 1997b, p.89).

Ainda em 2017, Josué Durval Aguiar Junior, defende a dissertação com o seguinte título: **Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na Educação Infantil**, que visou analisar o que acontecia nas escolas de Educação Infantil, em berçários, quando havia a presença de professores do sexo masculino.

Sendo assim, o pesquisador ouviu os próprios professores homens em Centros de Educação Infantil nas cidades de São Paulo, sobre como estes percebiam seus trabalhos no processo de formação dos bebês. Cabe destacar esta peculiaridade deste estudo em detrimento aos dois anteriores, visto que este tem como sujeitos, somente os professores do sexo masculino de crianças pequenas.

Aguiar Júnior (2017) nos revela que confirmou suas hipóteses, sendo que os professores pesquisados relataram sofrer preconceito por parte da comunidade escolar, que variam desde a orientação sexual à competência técnica para o desempenho da função. O pesquisador também nos informa que o sistema educacional ainda não está preparado para receber estes profissionais, pois não os oferece suporte e tampouco orientações em suas atuações nas creches.

Além dessas constatações, Aguiar Junior (2017) ainda nos alerta que estes professores homens ingressam na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, sem que os conflitos ou problemas decorrentes sejam discutidos por gestores, professores e pais e ainda ressalta que não existe bibliografia ou ação política que aborde este tema.

É pertinente destacar que as quatro pesquisas analisadas nos revelam acerca do desconforto que professores do sexo masculino causam por estarem na Educação Infantil. Todos os estudos nos falam desta profissão considerada feminina, que desperta estranheza quando apresenta homens educando crianças pequenas.

Percebe-se inclusive, a partir destas pesquisas, que este preconceito não está arraigada apenas nos indivíduos alheios à função docente, mas infelizmente, são muitas as pessoas de dentro dos espaços educacionais, muitas vezes colegas de trabalho desses professores, que nutrem tal preconceito, em especial quando se adentra no assunto do *cuidado* e da *maternagem*, pois ignoram que

a maternagem se aprende no fazer diário, o que a leva a crer que homens e mulheres são capazes de cuidar de crianças e isso depende de experiências provenientes de seu contexto sociocultural. Para a autora, os homens maternam desde que haja interesse deles próprios e boa vontade das mulheres que estão próximas, tendo em vista que muitas delas não resistem à divisão da maternagem, negando-se a compartilhar esse poder. Na direção sugerida pela autora, a maternagem e os cuidados são elementos histórico-culturais que podem ser aprendidos tanto por homens como por mulheres (BADINTER *apud* SAYÃO, 2005, p. 167).

Sendo assim, de acordo com a autora, é possível percebermos que as práticas de cuidado são aprendidas no exercício da profissão, que podem indubitavelmente, serem exercidas tanto por homens quanto por mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi baseado no Estado da Arte (2005-2017) e possibilitou conhecer, analisar e avaliar a produção acadêmica brasileira que evidencia a trajetória percorrida por homens na construção da docência na Educação Infantil, cujo o percurso é marcado por medos, desconfiança, estranheza e resistências.

É pertinente lembrar que a construção social e cultural da educação de crianças pequenas como uma profissão própria às mulheres, produziu e foi produzida em meio às representações que marcam a profissão com atributos da feminilidade. Isso porque o afeto, o cuidado, o carinho, a sensibilidade e o amor maternal são considerados essenciais à docência na Educação Infantil, e culturalmente falando, são as mulheres quem estão *preparadas* para realizar com maestria esta função. Essas representações, embora por vezes conflitantes, tipificam professoras e professores.

Através desta pesquisa foi possível perceber que embora esteja aumentando o número de homens na Educação Infantil, ainda contamos com uma quantidade pouco representativa de profissionais do sexo masculino na educação de crianças pequenas. Em se tratando de professores de Educação Física do sexo masculino na referida etapa da Educação Básica, percebemos também um número inexpressivo.

É válido ressaltar também, que não é somente o número de professores homens na Educação Infantil que ainda é baixo. A quantidade de pesquisas referentes a esta problemática também é, se consideramos, por exemplo, este estado da Arte que buscou pelos estudos referentes a este professor nesta etapa da Educação Básica. Sendo assim, dentro de um período de doze anos, somente 18 estudos foram localizados, ou seja, menos de dois por ano.

Cabe salientar que, no que se refere, ao professor homem de Educação Física na Educação Infantil, as pesquisas são inexistentes, pelo menos dentro do recorte temporal realizado neste estado da arte, o que nos aponta grande necessidade de pesquisas, explorando esta temática.

Ampliando-se cada vez mais as pesquisas que considerem o gênero como categoria de análise, concordo com Sayão (2005), quando esta nos fala que tal feito nos ajudaria a compreender as ambiguidades acerca do magistério,

entendido como profissão feminina, principalmente no que tange às práticas de maternagem e/ou cuidado/educação na creche.

Mais pesquisas, indubitavelmente, corroborariam para que sejamos capazes de compreender que o ato de educar pode e deve ser feito tanto por homens quanto por mulheres, e que definitivamente a soma de dedicação e esforços de ambos os gêneros, poderia trazer benefícios consideráveis para a educação de crianças pequenas que desde cedo são submetidas à segregação do que é permitido e/ou proibido para meninos ou meninas.

Enfim, fica a torcida para que um dia a representação dominante do “professor homem foi — e provavelmente ainda seja — mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vinculava mais ao cuidado e ao apoio “maternal” à aprendizagem dos/das alunos/as” (LOURO, 1997, p. 107), faça parte do passado, sem que haja rotulação de papel/função e que ambos (homens e mulheres) não encontrem estranhezas e nem desconfianças dentro da profissão que se propuseram a desempenhar: educar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR JÚNIOR, José Durval. Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade). São Paulo: PUCSP, 2017.

ANGELUCCI, Carla Biancha. et al. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. *Educação e Pesquisa*, São Paulo: FEUSP. v. 30, n. 1, p. 51-72, jan./abr., 2004.

BÖHM, Bianca de Almeida Camacho e CAMPOS, Maria Izabel. Atuação de Professores Homens na Educação Básica: Um Estado da Arte Sobre a produção Acadêmica. In: *Horizontes – Revista de Educação*, Dourados, MS, n.1, v1, janeiro a junho de 2013, p. 59-72.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Diário Oficial da União. Brasília, 23 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Resolução CNE/CEB 5/2009. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

CARVALHO, Marília Pinto de. Gênero e Trabalho Docente: em busca de um referencial teórico. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloisa Buarque (Orgs.). *Horizontes Plurais: novos estudos do gênero no Brasil*. São Paulo: FCC – São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 379-409.

FELIPE, Jane. “Afinal, que é mesmo o pedófilo?”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006.

FERREIRA, N. S, de A. As Pesquisas Denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*. São Paulo, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, agosto/2002.

FERREIRA, Waldinei do Nascimento. *As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas unidades municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte*. Dissertação – (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 160f. Belo Horizonte, 2017.

FINCO, Daniela. *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: Análise das interações entre professoras e meninas e meninos que*

transgridem as fronteiras de gênero. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo – USP, 2010.

HADDAD, Sérgio. O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil. *A produção discente de pós-graduação em educação no período de 1986-1998*. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

LOPES, Elsa Santana dos Santos. *A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora do lugar?* 2015. 159f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary del (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997. p. 443-481

LOURO, Guacira Lopes. O gênero da docência. In: _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997b, p. 88-109.

MENDONÇA, Michelle Mariano. *Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: - alguns elementos para a compreensão*. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). São Paulo: PUCSP/EHPS. 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. “Gênero e Educação: teoria e política”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-27.

MIR, Angélica Galvani. Professoras de crianças pequenas: especificidade de uma profissão feminina. Trabalho de conclusão de curso (graduação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2005.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. *Professor Homem: o estrangeiro na Educação Infantil*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ROMANOWSKI, Joana Paulin.; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. In: *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. *Educador Infantil: uma ocupação de gênero feminino*. 1997. Dissertação de Mestrado (Resumo). PUC – SP

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. *A educação infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis*. Psicologia da educação: revista do

Programa de estudos pós-graduados em Psicologia da educação. São Paulo: EDUC, n. 6, 1996, p. 107-125.

SAYÃO, Deborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. Pro-Posições, Campinas-SP, vol. 14, nº. 3 (42), p. 67-87, set./dez., 2003.

SAYÃO, Deborah Thomé. *Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche*. 2005. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Peterson Rigato da. Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na Educação Infantil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 2014.

XAVIER FILHA, Constatina. Educação para as sexualidades, para a igualdade de gênero e para as diferenças/diversidades: possibilidades pedagógicas. In XAVIER FILHA, C. (Org.). *Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012. P. 277-293.